

Reportagem Cultural

ARTHUR DE FARIA: A MÚSICA E A HISTÓRIA DA MÚSICA

Juarez Fonseca, especial para o JC

Arthur de Faria é o músico brasileiro com mais livros publicados sobre a história da música. E é o pesquisador/escritor brasileiro que mais discos lançou com suas composições. Por onde começar? A questão é que ele faz tudo isso de uma forma meio encadeada. Esta semana, acaba de retornar de uma série de shows em cidades da região missioneira do Rio Grande do Sul com sua banda de câmara Tum Toin Foin e o coral mbya-guarani Jeroy Mbaraete, e começa a dar os retoques finais no terceiro volume da série de livros *Porto Alegre - Uma Biografia Musical*, previsto para sair no final do ano.

Vamos começar pelo princípio, então. Ele era um guri de 15 anos quando apareceu na redação de Zero Hora em uma tarde de 1984 para me entregar uma fita cassete com suas primeiras músicas. Estudava na Escola de Música da Ospa desde o ano anterior. Lembra: “Eu e meus amigos de Gravataí nos reuníamos para ouvir discos, começamos a fazer música e montamos uma banda, Musical Nascente (influência do Musical Saracura). Uns emprestavam discos pros outros, e um dia apareceu o *Clara Crocodilo*, do Arrigo Barnabé. Enlouqueci com esse disco!”

Segue: “Fiquei pensando que precisava estudar música para entender o que era aquilo. E aí um amigo mais velho, Domingos Fialho (hoje vive em Brasília), que estudava na Escola da Ospa, me deu a dica. Fui estudar lá, fiquei dos 14 aos 18 anos. Troquei o violão pelo piano, fui aluno de Hubertus Hofmann, conheci gente como Marcelo Delacroix, Zé Natálio, Ion Bressan (que depois seria maestro da orquestra) e Artur Elias - também estudei piano com a irmã dele, Dúnia Elias. Mas eu achava que a música de que gostava não ia me dar dinheiro, e na hora do vestibular acabei fazendo jornalismo.”

(Arthur nasceu em 1968, em Porto Alegre, e foi criado em Gravataí, onde residiam seus

pais, José Juarez, economista, funcionário do Instituto Rio-Grandense do Arroz, e Rosemary, professora de História e de Francês.)

Ainda cursando a Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pucrs, com bom texto, em 1989 começa a trabalhar na Redação de ZH. Mais memória: “Aos 20 anos eu não tinha nem emprego, nem namorada, nem banda. Com 21, estava no jornal, no Bando Barato pra Cachorro e namorando a Eliane Brum”. (Eliane se tornaria uma das mais conhecidas jornalistas do Brasil.) Criado em 1990, além de Arthur no piano o Bando tinha Adriana Marques na voz, Delacroix no baixo e voz, Júlio Rizzo no trombone, Sérgio Karam e Amauri Iablunovski nos saxes, Geraldo Fischer no violão e Jorge Matte na bateria.

O repertório era música brasileira dos anos 1930. Os músicos usavam roupas de época e *Café Nice*, o show, dirigido por Zé Adão Barbosa, encenava um programa de rádio. Foram 89 apresentações em dois anos, sublinhadas por algumas lotações de sexta-feira a domingo no Theatro São Pedro em 1991. Ainda durante a existência do Bando, Arthur testou no Projeto Blue-Jazz, do TSP, a Camerata Qualquer Coisa, para “fundir as raízes rítmicas, harmônicas e melódicas da música latino-americana” - três integrantes eram do Bando, outros dois não.

Em nota publicada naqueles dias em minha coluna, ele foi identificado como “dublê de músico e jornalista”. Mas seus dias em ZH estavam contados: deixou o jornal em 1992, já ensaiando com um novo grupo, composições autorais pela primeira vez, algumas com letra. Com o nome (provisório, logo se veria) de Arthur de Faria e Camerata, mesclava ritmos brasileiros e platinos, fazendo uma ponte entre o popular e o erudito. Estreava no recital uma das músicas que permanece até hoje nos shows: *Chama a Monga* (ou *Chamamonga*), mix de chamamé e milonga.

Provisório, porque no ano

seguinte começava a formação de Arthur de Faria & Seu Conjunto, que o projetaria para além das fronteiras do Rio Grande. Lá seguiam Sérgio Karam e Júlio Rizzo, ingressando Adolfo Almeida Jr no fagote, Marcão Acosta na guitarra, Clóvis Boca Freire no baixo, Giovanni Berti na percussão e Guenther Andreas na bateria. Em 1996 veio o primeiro dos seis discos do Conjunto, *Música pra Gente Grande*. Composições dele, do uruguaio Leo Masliah e de Raul Seixas. “Valsas, choros, bossa nova, misturados com jazz e pop, porque rock eu já tentei e não consigo”, resumiu.

Escrevi: “É uma das melhores coisas que se tem ouvido por estas bandas. Acrescida de um elemento que praticamente sumiu da tal música feita pra gente grande: humor. Não se trata de nenhum tipo de gracinha, mas de *humour* mesmo, componente intrínseco, não forçado.” Fora do próprio palco, Arthur produziu o novo show de Nelson Coelho de Castro, mais o CD do grupo de humor Discocuecas e o primeiro de Nico Nicolaiewsky. E àquelas alturas, já trabalhava na Rádio Felusp, depois Pop Rock - onde atuaria por 23 anos, até 2017.

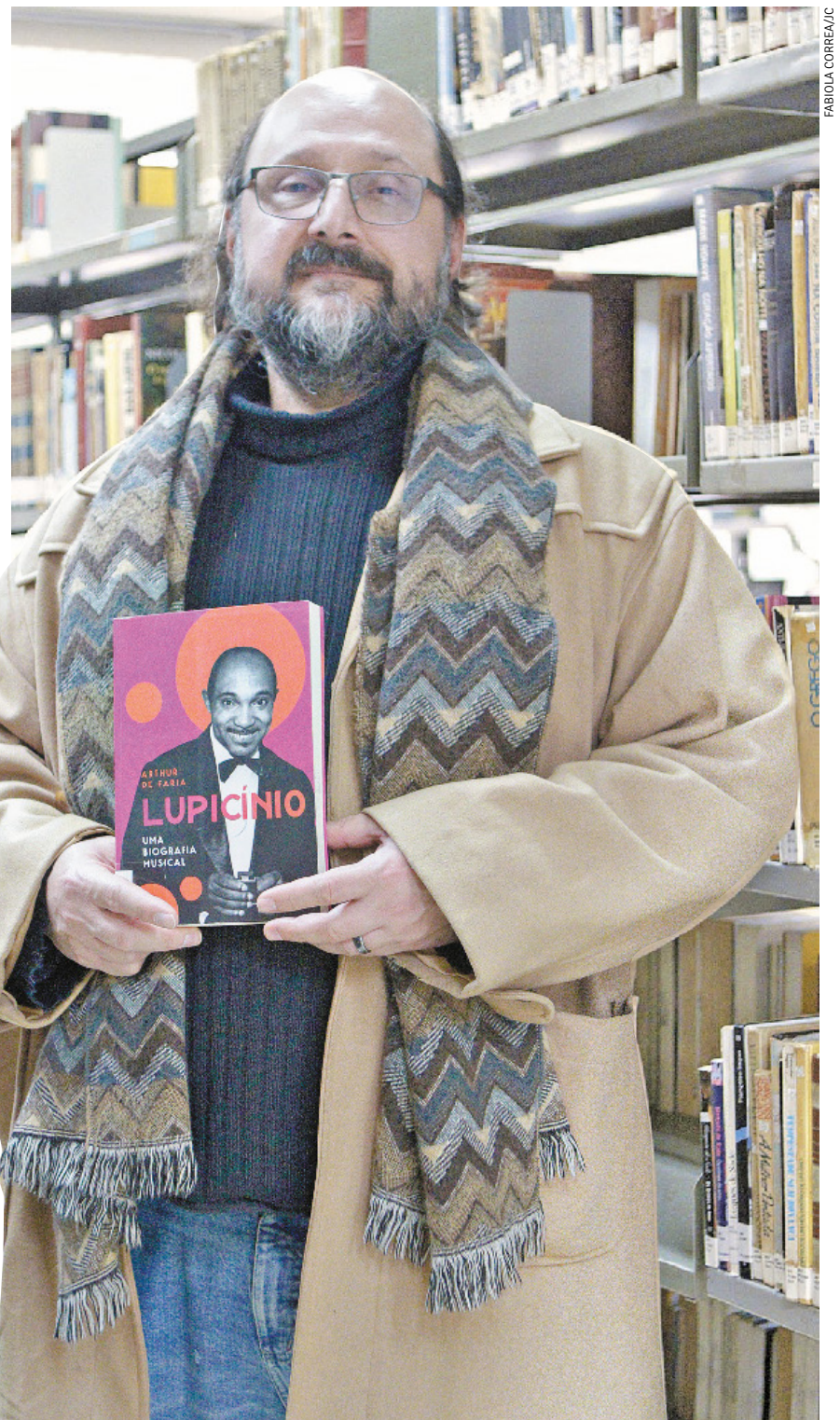
Outra marca de 1996, fundamental, foi a chegada de Áurea Baptista em sua vida - acabam de comemorar 30 anos de união. Conta, Arthur: “Ela era advogada, tinha sido fisioterapeuta. Eu que a desen-caminei, por achar que tinha uma forte veia artística, cantar

muito bem. Era da turma do Giovanni Berti, nos conhecemos no casamento dele. Aí fez cursos de teatro, já participou de mais de 60 filmes, entre curtas e longas. E às vezes fazemos shows juntos. Em 1998 veio a Antônia, nossa filha, que é psicóloga”.

Ainda mais uma marca de 96: a primeira apresentação no exterior, com o projeto *Alegre em Montevideú*, da Secretaria da Cultura da Capital. Arthur e o professor Luís Augusto Fischer

fizeram palestras sobre a música brasileira. Na capital uruguaia surgiram contatos que se multiplicariam dois anos depois em Buenos Aires. Nessas palestras já está o pesquisador, que se anunciava em reportagens sobre Elis Regina e o rock do IAPI, por exemplo, no caderno ZH Zona Norte. E que explodiria em, por enquanto, 10 livros publicados. Arthur de Faria é inesgotável.

Leia mais na página central



FABÍOLA CORREA/JC